

# VOGGA

: SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER :

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS  
DA ILUSTRAÇÃO  
30, R. da Alegria, 30 — End. teleg. : LIBERTRAN — LISBOA

DIRECTORA : LAURA NOGUEIRA  
SECRETÁRIO DE REDACÇÃO : CASTELO DE MORAIS

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE AILLAUD, LTD.<sup>a</sup>  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — 25, Rua Anchieta  
TELEF. C. 1084, C. 1606



LILI DAMITA

Ayuntamiento de Madrid



## AQUI PARA NÓS...

## VIOLETAS



EM Lisboa, como em toda a parte, há ruídos periódicos; ruídos que têm o seu tempo, como a flôr das olaias ou os morangos.

Esses ruídos formam, sem darmos por isso, a loquela da rua, o dialecto da Cidade; só às vezes, por uma correlação misteriosa entre o ruído e o facto, entre o som e o tempo, essa loquela é a parte oral da nossa própria vida contada pelo ruído inconsciente da voz que passa.

Há dias que eu esperava uma voz conhecida; voz do Outono em trânsito, o aviso do Inverno a caminho: — O pregão das Violetas.

Ouvi-o ontem. Com o mesmo tom de sempre e, como sempre também, a mancha verde-roxa dos ramitos salpicava de veludo macio a côr neutra da tarde, cinzenta de chuva e cinzenta de lama.

Ouvi o pregão e fiquei alegre como se tivesse encontrado uma velha amiga, ausente há um ano e cujo voz eu esperasse a cada instante.

Porque eu espero todos os anos esse pregão das violetas. Mal chega Outubro espero-o como um ruído muito meu conhecido, ruído das horas mais belas de Lisboa que são as do Outono.

Não sei porquê, penso sempre que as violetas são flôres portuguesas.

Lá fóra há muitas, eu sei, maiores que as nossas. As mais belas vêm da Rússia. Em Nice há-as vermelhas. Uma cidade da

Itália deu o seu nome à mais aristocrática variedade; mas, por mim, quando falo de violetas não é a essas que me refiro. São primôres da sciência hortícula que não falam ao meu coração. Quando falo de violetas refiro-me às pequeninas, às humildes, quasi negras no seu rôxo viúvo, mas que têm um perfume intenso, inconfundível — cheiram a violetas.

Não é por afinidades de simbolismo romântico que eu gosto das violetas. Não. Eu gosto pouco da humildade. Gosto delas porque a sua côr, o seu aroma e o grito que as oferece, coincidem com a época do ano mais grata ao meu espírito, mais gemea da minha alma de mulher.

Elas são, para mim uma parte de mim mesma que resuscita cada outono e me obriga a reviver, como ontem, uma vida que me pertenceu há muito.

Na frase curta desse pregão há o segrêdo evocativo de uma existência: a minha existência...

Há o gesto perdido das minhas mãos cultivando-as. Há o gesto amigo, gesto de outrem que a morte gelou, e que para mim se inclinava numa curva de oferta... Há os outonos de há muito, há os de ontem e há, meu Deus!, os de agora, roxos como elas, evocando o perfume antigo das outras que seriam mais pequeninas talvez, mas que eram as minhas violetas, as violetas de Portugal...

FRANCISCA DE AYRE.



Casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Teresa Barahona Fonseca, com o sr. Fernando Manuel Pais Veiga Brito

## VIDA ELEGANTE

A estação balnear agonisa. As primeiras chuvas e os primeiros frios, marcam o início da debandada.

Este ano evidenciou-se Vila do Conde pela feliz originalidade das suas festas, algumas revestidas de rara sumptuosidade.

A Granja bem quiz igualar-se em pompas festivas com Vila do Conde; mas, esta praiá está actualmente pelo seu casino e pelo seu hotel, em condições de poder rivalizar com qualquer outra; de maneira que a Granja tratou de voltar ao seu velho aspecto de praiá aristocrática, cerrada à invasão de novos ricos, como Ramalho Ortigão a encontrou e descreveu há anos nas *Farpas*; — uma espécie de casa particular onde os estranhos sentiam de tal fôrma a repulsa dos seus habitantes que não se atreviam a grandes demoras no local...

A Figueira entrou um pouco na sombra; nem a colônia espanhola sempre numerosa conseguiu trazê-la à evidência.

No Sul, Estoril e Cascais guardaram as suas antigas posições. No Parque marcou pela sua numerosa assistência o baile a favor da reconstrução da igreja de Santo António promovido por uma comissão de que foi notável organizadora a sr.<sup>a</sup> D. Maria Ana Porto Carrero de Camara Mesquita. No Monte Estoril as festas no Casino Internacional e os jantares à americana no Hotel de Itália conseguiram atrair concorrência. Pelo que respeita a Cascais, — que não tem um hotel capaz, que não tem um casino em termos, a nota elegante residiu durante Setembro e Outubro no *Sporting Club*, de ordinário frequentado apenas por um certo número de famílias, não tão grande, que baste para dar ao lindo recinto a alegria e o movimento que podia e devia ter. Ainda assim a Parada abriu uma excepção este ano, que devia ter demonstrado à sua direcção a necessidade de fazer propaganda contra as teorias de exagerada selecção que, segundo parece, orientam alguns sócios. O baile em que por uma feliz inspiração se ressuscitou o *cotillon* foi das festas mais brilhantes dos últimos anos no *Sporting*. A graça, a elegância, o bom gosto, deram-se as mãos para esse esplêndido resultado. E como os pares marcantes, com admirável tacto não tivessem obedecido na distribuição das marcas a propósitos de exclusivismo, toda a assistência alegre e animada viu chegar com os primeiros alvôres da madrugada, o termo dessa soberba festa.

E agora, o que será a estação de inverno? Por enquanto não é fácil prever mais do que intimas partidas de *mat-joug* e alguns *teas* por igual em intimidade. Ouvimos falar numa grande festa para estreia do esplêndido palácio recentemente adquirido para uma legação estrangeira; e em alguns jantares diplomaticos.

A «Semana Elegante» está a postos... De resto, a temporada de inverno não é muito animada.

LUIGI.

## ECOS

Os jornais troçam um crítico teatral italiano que se indignou, numa primeira representação, com a ausência do autor da peça, chamado ao proscénio repetidas vezes.

A peça era a «Salomé»... e o autor Oscar Wilde... (!)

É bom que ponhamos as barbas de mólho, não traga para aí o inverno alguma «première» de Gil Vicente ou de Shakspeare... O diabo tece-as.

As aristocratas francesas dizem que os cabelos curtos *sont mal portés*, que é como quem diz usados por gente pouco santa... e resolvem deixar crescer em liberdade as tranças românticas de Julieta e de Margarida.

Os barbeiros ficam a perder e a moralidade nada ganha porque, sendo moda, daqui a um ano os cabelos compridos serão igualmente *mal portés*...

Era preferível o corte à escovinha e dois tipos de cabeleiras, um para as virtuosas e o outro... para as outras.

Alerta legisladores!

AINDA no Eden, Jehovah, no minuto histórico de criar a primeira mulher, disse com os seus botões, (botões de estrelas, bem entendido...) «É bom que o homem não esteja só».

Um redactor da «Voga», duvidando que o Omnipotente ainda siga a mesma teoria... vai entrevistar S. Pedro, chaveiro do Olimpo. Dirá depois de sua justiça...

UMA senhora foi eleita *Lord Mayor* (Lady Mayoreess) duma cidade inglesa. Se por cá fizéssemos o mesmo com relação ao pelouro da instrução e ao dos jardins ficavamos decerto a ganhar.

As mulheres gostam de flores e leem mais que os homens.

Porque não experimentamos?

Haveria mais rosas e menos analfabetos; não lhes parece?

PELAS ruas de Lisboa há dezenas de crianças que pedem esmola para gente válida que não trabalha e não produz.

No cérebro das mulheres portuguesas, tão visinho sempre do coração, vai germinar decerto uma ideia que liberte as pequeninas escravas da mândria alhei. É um facto que merece a atenção das autoridades, que serão coadjuvadas nos seus propósitos por todas as mulheres de Portugal.



## VERÃO DE SÃO MARTINHO

AINDA uma última impressão da vida das praias.

Saudade da beleza que foge pelo sol que vai fugir também. Uma prôa dum barco, um poente luminoso, um vulto de mulher scismando e aqui temos tóda a psicologia do Outono, tóda a beleza da quadra eleita pelos poetas, pelos músicos, pelas mulheres e pelos pintores de todo o mundo.

Os italianos chamam a estes dias luminosos de fim de Outubro e começo de Novembro, «Verão dos mortos», termo lúgubre que não parece inventado pelos meridionais, pela gente do sul, que tem nestas semanas o seu melhor quinhão de sol.

Nêstes dias, a costa portuguesa veste as suas melhores galas: ouro e púrpura nos vinhedos, ouro nas areias das suas arribas, púrpura e ouro no céu das tardes e na calma remansosa do oceano imerso.

É possível que o nosso feitio melancólico

de sonhadores e poetas seja uma resultante deste verão de São Martinho, que todos os anos nos visita, como um dom de Deus, um beijo de luz dourada que tudo irisa, tudo abençoa, a tudo dá o realce das pedrarias e a «patine» suave das sêdas orientais.

Felizes terras, as nossas, que, antes do inverno, tem como ponte dourada, do sol para os gelos, o mais belo sorriso da Natureza. Tão belo que lhe não falta um arsite de melancolia a espiritualisá-lo, um vislumbre de tristeza a torná-lo caricioso.

Veranito de São Martinho! Mais belo que o outro, que tudo cresta, e mais desejado do que ele porque é mais curto e tem a sedução magnífica das belezas fugazes.

Felizes terras, as nossas!

E tão constante, tão moeda corrente é a beleza delas, que vai esquecendo aproveitá-la... Temos tanto que não pensamos valorizar o nosso bem...





A princesa Juliana, herdeira do trono da Holanda

#### PRINCESA JULIANA DA HOLANDA

O telégrafo informa que a princesa Juliana, filha única da Rainha Guilhermina da Holanda, concluiu uma comédia inspirada no «Barba Azul», que será representada brevemente numa festa de beneficência por estudantes. Um dos principais papeis da comédia será interpretado pela princesa.

É interessante recordar a figura da herdeira do trono da Holanda. Muito pequena ainda, a princesa Juliana teve como companheiras dos jogos crianças de todas as classes sociais. Mais tarde, quando foi autorizada pela rainha Guilhermina, a praticar o *camping* com as suas companheiras de estudo, passou a viver uma vida livre, em plena natureza, passando as noites na mesma barraca de campanha e viajando em carruagens de 3.ª classe.

Aos 14 anos, a princesa Juliana começou a aperfeiçoar-se numa sólida cultura artística, sendo exímia em música e pintura, e frequentando com uma grande assiduidade os salões de concertos e conferências.

Actualmente a princesa Juliana é uma consumada violinista.

A notícia de que acaba de concluir uma comédia, para ser representada numa festa de beneficência, é mais uma prova do seu temperamento artístico e do seu belo coração.

#### UM PRECIOSO AUXILIAR

EXISTE em Paris, no bairro de l'Étoile, certo cão de rara inteligência, o qual é motivo de admiração por parte dos habitantes desse populoso bairro. Chama-se ele Dick, um *pêlo raso negro*, cujo dono tem loja de venda de livros e jornais na rua Lauriston.

Todas as manhãs, vê-se o Dick, a trote ligeiro, correr pelas ruas e avenidas que avizinham o Arco de Triunfo. Leva às costas, preso por pequena cilha, uma espécie de gaiola, em cujas fendas de vime estão as folhas do dia. Vai fazer aos freguezes a sua distribuição quotidiana; e jámais o Dick se enganou numa porta, numa casa, num andar... Grave de aspecto no exercício das suas funções, tentação alguma consegue distraí-lo da sua tarefa, não sequer uns pedaços de assucar oferecidos à sua hereditária gula. Várias vezes, vendedores de jornais, concorrentes do dono de Dick, tentaram a experiência, mas debalde procuraram distrair da sua obrigação o fiel e inteligente animal. E o Dick, superior neste sentido a muitos dentre nós, humanos, tem-se mostrado sempre incorruptível.

De resto, à volta espera-o uma excelente pratada de sopas, e muitas festas do seu dono amigo.

#### ROMEU E JULIETA

NUM teatro dos Estados Unidos está actualmente sendo representada a famosa tragédia de Shakespeare, «Romeu e Julieta». Isto só assim não tem nada de raro. O que torna esta representação bastante original é o facto de Romeu e Julieta aparecerem na célebre scena do balcão com a indumentária do nosso tempo.

O que não podemos é informar as nossas leitoras se o visado encenador moderno da célebre peça de Shakespeare, nos apresenta a cotovia com a popa... cortada à garçone...

\*\*\*

#### LINDO EXEMPLO DE DECISÃO INFANTIL

HÁ ainda no nosso país quem não concorde com a propaganda da difusão do sport entre senhoras e crianças. Chega-se, tal o atrazo e a pouca consideração pela educação física, a classificar o sport feminino e infantil como impróprio e até inconveniente.

O sport, tal como o advogamos, é uma escola excelente de decisão e de beleza. Não fôra o espírito de acção rápida e a energia moral bem desenvolvida numa criança, e teríamos há dias que narrar uma tremenda catástrofe ferroviária.

O caso passou-se na pequena gare de Prunay, por onde passam sem parar numerosos comboios de passageiros e mercadorias que circulam na linha que liga Reims a Châlons-Sur-Marne. Era agulheiro da estação Jules Chossenotte, que ali fazia serviço há muitos anos, acompanhado de sua filha, Renée Chosenotte, uma rapariga de 14 anos.

Numa noite trágica um comboio esmaga o pobre agulheiro. Os comboios continuam circulando. Prunay é uma pequena estação perdida na imensa rede ferroviária francesa.

Súbito, surge a iminência de uma horrível catástrofe. Os maquinistas não sabiam do desastre. Os comboios continuam circulando como se o agulheiro estivesse vigilante. Na gare há passageiros aflitos. É preciso sem demora que alguém, muito treinado, proceda à mudança da agulha.

Quem saberá executar esse serviço, e ainda com a serenidade que resista ao espectáculo horrível da linha ensanguentada pelos destroços do infeliz agulheiro?

É então que, ante o espanto geral, surge como um anjo providencial a pequena Renée Chossenotte, a filha do desgraçado agulheiro, que com uma rara energia, substitui o pai morto, e retoma a direcção da marcha dos comboios regulando as agulhas, e salvando assim muitas vidas.

É um lindo exemplo de decisão infantil revelado numa hora trágica, enfrentando uma tremenda responsabilidade.

Não fôsse a atenção aos sinais e o permanente contacto com a acção disciplinada, em vez de um acto heroico teríamos de registar uma tremenda catástrofe.

\*\*\*

#### A PRIMEIRA COMANDANTE DE NAVIOS

MADemoiselle Gudrun Progstad é uma jovem norueguesa de dezanove anos que acaba de realizar o maior sonho da sua vida: comandar um navio. É a primeira mulher a quem se confere o direito de comandar um

barco. Mademoiselle Gudrun Progstad já realizou várias viagens à América. Deve hoje estar triste. Os seus sonhos devem ter diminuído muito. O mundo é sempre maior quando não o percorremos. Vagar, para certos temperamentos, é limitar, é reconhecer a impotência de alcançar o país dos nossos sonhos. Como seria o país onde Mademoiselle Gudrun Progstad desejaria levar o barco que está confiado ao seu comando?

\*\*\*

#### CONTRA OS CABELOS CURTOS

COMEÇOU a guerra contra os cabelos curtos. A Espanha, de uma maneira graciosa, deu a entender que as cabeleiras à *garçonne* não teriam grande simpatia nas velhas cidades espanholas, onde a tradição e o culto das características peninsulares são mais profundas. Valença promoveu um concurso de cabelos compridos. O certame foi muito concorrido. Valeu por uma demonstração.

A Alemanha vai mais longe. Berlim recorre ao *meeting*.

As operárias de uma grande fábrica alemã realizaram um formidável comício contra a moda dos cabelos curtos.



Um «atelier» de mosaicos na Alemanha

Alegam as operárias alemãs que vieram para a rua, em pé de guerra, pelejando pelas tranças, que o corte de cabelos é muito dispendioso.

É curioso este aspectoda questão do cabelo à *garçonne*. As operárias de uma grande fábrica protestam contra um uso que lhes altera as suas predilecções sob o modo de cortar o cabelo.

Mas quem lhes impede de os deixar crescer?

É que as operárias revoltadas contra a moda, não prescindem, apesar dos seus parcos vencimentos, de... andar à moda. Revoltam-se, fazem barulho, improvisam um comício, mas reconhecem a sabedoria da moda. Terá a soberana uma atitude complacente ou mostrar-se-há tirana?

\*\*\*

#### ATÉ AS PLANTAS SE CONSTIPAM

CHEGOU o Inverno, com suas chuvas, seus frios e humidades. Chegaram, com ele, as constipações, companheiras da invernaria. A estas horas, quanta gentil leitora da *Voga* não estará, de olhos inchados e voz rouca, amaldiçoando o frio Inverno que — mas por uns dias sómente! — a está tornando menos linda...

Consola-te, leitora amiga e constipada: Nem só à Humanidade coube a triste sina

de, vez em quando, apanhar uma «gripe» que, impiedosa, a faz espirrar, ou alguma aborrecida bronquite cujas crises de tosse a afligem sem dó. Consola-te, minha amiga: nem só tu és susceptível de te constipar. E como, desde há séculos, te acostumaste, Mulher, a que os Poetas te comparassem a uma flôr, não desgostarás talvez de saber que... também há plantas que se constipam.

É na América do Sul: na pequena república do Paraguay, e também nalgumas regiões do Chile, que certo botânico descobriu uma planta que não só tosse mas até espirra.

O mais leve grão de poeira, caindo sobre a superfície duma folha, basta para provocar uma crise de tosse. A folha, imediatamente, se torna, toda ela, dum vermelho intenso, e um movimento espasmódico a agita com violência, e repetidas vezes, ao passo que ela vai emitindo um ruído em tudo igual ao do espirro humano.

Não é isto curioso?

Quedizes, leitora amiga e constipada? Isto consola-te um pouco na tua miséria actual — fruto do Inverno. E ainda — vê lá tu! — és mil vezes mais feliz que a pobre planta sul-americana, porque, tu podes, gulosamente, saborear, derretendo-os em tua boca, os mais afamados e doces rebuçados; tu, para minuares o teu mal, recorres ao xarope de terpina e às papas de linhaça, — enquanto que a pobre planta, coitada, nada tem que traga alívio à sua «gripe»:

Imagina, querida leitora, a cara de qualquer sábio médico ao receber, inesperadamente, uma carta concebida nos seguintes termos:

«Peço-lhe doutor, com a máxima urgência, uma visita de consulta. Não se trata de mim; infelizmente é uma das plantas do meu jardim a doente em questão. A desgraçadinha tosse que até mete dó: Com «certeza apanhou, nestes últimos dias de húmido frio, alguma grave bronquite. Espere-o pois, ansiosamente, senhor doutor.»

\*\*\*

#### OS MACACOS APRECIADORES DE OSTRAS

MR. Carpenter, sábio zoólogo saxão, durante a sua estada nas ilhas do sul da Birmânia, assistiu várias vezes ao curioso espectáculo de bandos de macacos dirigindo-se, à hora da baixa-mar, às praias dos arredores, para aí se deleitarem na pesca das ostras!

O mais curioso é que os nossos mais próximos vizinhos na escala animal, levavam sempre, à cautela, uma pedra cortante destinada a abrir a ostra. E geralmente conseguiam abri-la junto à charneira. Tomavam-a então entre os dedos das mãos peludas, e enguliam-a gulosamente!

Nós, homens, apenas lhe acrescentamos umas gotas de sumo de limão.



Uma joven estudante da China Moderna





## JANTAR

Sopa de febra de frango com ovos cozidos  
«Croquettes» de galinha e outras carnes  
Esparregado de espinafres  
Carne de vaca recheada, estofada

Pudim de chocolate

## SOPA DE FEBRA DE FRANGO COM OVOS COSIDOS

Prepara-se um bom caldo de galinha, temperado com presunto e, quando está em grau suficiente, deita-se-lhe um frango convenientemente preparado, que se considera cozido, quando a galinha o estiver. Cõe-se o caldo, desengordura-se, engrossa-se com um pouco de farinha de arroz, deitam-se-lhe bocadinhos de febra de frango e outros de ovos cozidos e serve-se.

## «CROQUETTES» DE GALINHA E OUTRAS CARNES

Picam-se perfeitamente as carnes. Põem-se ao lume, numa caçarola, manteiga a que se junta farinha de trigo. Quando a manteiga ferve, mexe-se muito bem com uma colher de pau para desfazer a farinha; em seguida, junta-se, a pouco e pouco, leite para formar um caldo de farinha grosso.

Nêste caldo deita-se o picado das carnes, temperado com salsa picada, um pouco de cebola também picada e pimenta. Ferve-se tudo no caldo de farinha e depois deixa-se esfriar completamente. Em seguida divide-se a massa em pedacinhos, que se estendem, cobrem-se de pão ralado, e passam-se em ovo, depois novamente em pão ralado, e finalmente fregem-se em abundante banha de porco.

## ESPARREGADO DE ESPINAFRES

Os espinafres devem coser-se em muita água. Escolhidos e lavados, deitam-se em água salgada a ferver e deixam-se coser bem; passam-se depois para água fria, escorrem-se e espremem-se num passador, para lhes tirar quanto possível a água. Colocam-se em seguida sobre uma táboa de picar e picam-se finamente.

Põe-se numa caçarola uma porção de manteiga e um pouco de farinha de trigo; deixa-se coser a farinha uns dois minutos; deitam-se os espinafres na caçarola; deixam-se ferver; junta-se-lhes uma colher de leite, sal, pimenta e ainda uma porção de manteiga; mexe-se tudo e serve-se com ovos cozidos, cortados em quartos.

## CARNE DE VACA RECHEADA, ESTOFADA

Toma-se uma peça de carne delgada, mas de grande superfície e ponha-se, durante umas quatro horas, em um molho composto de vinho branco, alhos, sumo de limão e sal. Passado este tempo, tire-se dêste molho e cubra-se-lhe a superfície incompletamente com uma camada composta de rodela de ovos cozidos, azeitonas descaroçadas, bocados de tomate cru, sem peles nem sementes, lascas de queijo parmesão, salsa picada e pimenta moída. Enrole-se em seguida a carne, ate-se com um cordel e ponha-se a estofar no molho em que esteve, acondicionado de talhada de toucinho, colocadas no fundo da caçarola, um pouco de bom azeite e cebolinhas inteiras. Leve-se a vasilha, tapada, a um lume brando e, depois de estar bem passada a carne, retire-se do lume e sirva-se.

## PUDIM DE CHOCOLATE

Partem-se três paus de chocolate e colocam-se numa caçarola com manteiga. A manteiga deve ser metade do peso do chocolate.

Põe-se a vasilha perto do lume para derreter a manteiga e amolecer o chocolate. Mistura-se perfeitamente e tira-se do calor do lume. Juntam-se-lhe então três gemas de ovos, duas colheres de farinha e um peso de açúcar igual ao do chocolate.

Em tudo estando perfeitamente misturado, deitam-se-lhe três claras de ovos, batidas em castelo, e um pouco de baunilha.

Põe-se tudo dentro de uma fôrma untada com manteiga e polvilhada com açúcar e mete-se no forno a coser brandamente.

TIA MARTA.

## : DO LAR :

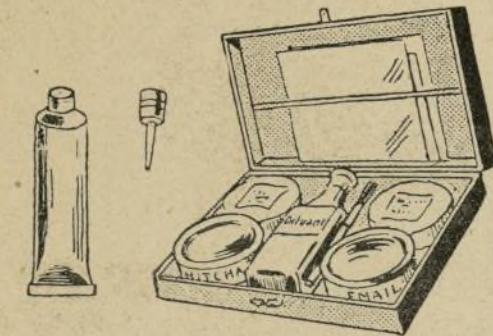
ARTE APLICADA  
A PINTURA LUMINOSA

MUITAS têm sido as formas de arte aplicada que a Moda nos últimos tempos criou. Uma das mais exqu岸itas, uma das mais interessantes é a da pintura luminosa.

Por meio desta pintura consegue-se a fantasia de criar bordados cujos desenhos, de espelhantes reflexos, lembram pedras de



inapreciável valor. Esses desenhos, que nós mesmas podemos executar, minhas amigas, servem para se fazer a pintura luminosa sobre toda a qualidade de tecidos: seja crêpe da China, veludo, suédine, seja crêpe Georgette, tule ou lã. E o resultado obtido



atinge uma tal fragrancia, o aspecto é tão leve, tão engenhoso, que tão bem serve para ornamentação de blusas simples como de vestidos claros para soirées.

Nós vamos dizer-vos, queridas leitoras, a maneira de proceder; antes, porém, deixai-nos avisar-vos de que este bordado luminoso, nas mãos de uma mulher inteligente, hábil e de bom gosto, poderá ter mil aplicações. Rutilante como é, anacorado de reflexos cambiantes, o bordado luminoso serve não só para incrustações de toilettes, mas também para embelezar os nossos chapéus as nossas écharpes, as malinhas de mão, os leques, e enfim todos os pequenos nadas com que a Moda completa o traje feminino, exigindo nêle uma grande harmonia de conjunto.

As guarnições a bordado luminoso estão sendo um dos sucessos das toilettes nocturnas.

No que respeita ao mobiliário, nós vamos encontrar o bordado luminoso nas almofadas de sala, nos quebra-luzes, nos biombos, etc., etc.

Eis, pois, o processo de decoração luminosa por meio de esmalte e de balotini. Indicamos, como melhor, o processo russo.

A na execução é facilissima. No que diz respeito à Moma, os seus resultados são maravilhosos. No bordado, põe em relevo os efeitos luminosos que esta forma de arte aplicada procura alcançar. Serve para todos os tecidos.

Trace-se primeiro o desenho sobre o tecido, por meio de papel químico. Com o auxílio de um pincel, ou de um pedacinho de pau talhado em ponta, ou de um cartucho pequenino feito de papel, — ou então servindo-se do tracejador fornecido com cada caixa, aplique-se o esmalte na cor que previamente se tiver escolhido.

Assim que o desenho estiver completo, e antes que o esmalte e que inteiramente, deixe-se cair sobre êle a balotini ou pó de vidro, a qual se fixará nos sítios onde houver esmalte.

Deixar secar durante vinte a uma horas.

A balotini que tiver saído entre os espaços onde não há desenho, cairá facilmente ao sacudir-se o tecido, e poderá ser de novo utilizada.

Podem-se tornar mais claros os esmaltes acrescentando-se-lhes um dissolvente especial que se vende nas casas da especialidade.

Ter a cautela de não aplicar demasiado grossa a camada de esmalte: isso tornaria o tecido rígido e pesado.

As figuras que ilustram o texto completam nossas explicações dando-lhe maior nitidez.

Como já dissemos, a pintura luminosa tem variadíssimas aplicações na ornamentação de peças de «toilette» ou de acessórios de mobiliário.

Uma vez conseguida aquela flacidez do tecido que resulta do pouco empastado do verniz de esmalte, podem as nossas leitoras sem receio, antes com a certeza dum exito absoluto, proceder à decoração de muitas peças que lhes custariam rios de dinheiro compradas feitas, e que assim revertem a preço modicissimo e com a vantagem de serem pintadas a vosso gosto e nas cores que digam bem com o ambiente a que se destinam.

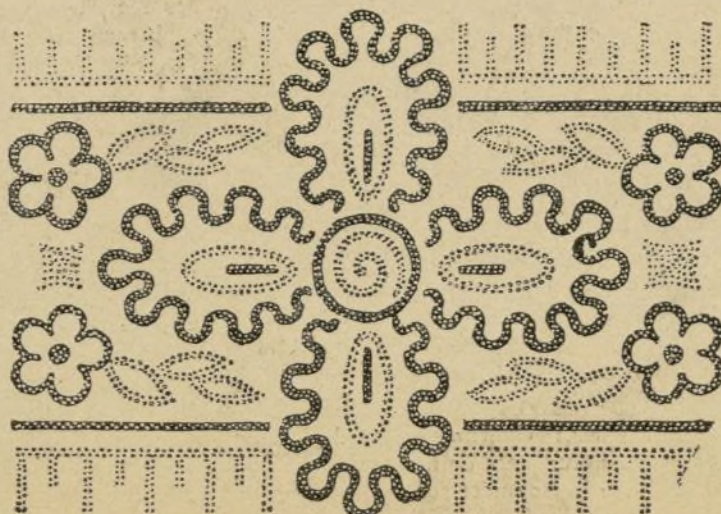


A execução da pintura luminosa em «toilettes» é mais difficil, mas com prática consegue-se.

As aves exóticas, de cores brilhantes, são um motivo muito a recomendar para ornamentação de biombos de sala ou de pára-luz em candieiros ornamentais.

Mãos à obra, pois.

FINETTE.



## GRAÇA DE ATITUDE

A mulher — disse alguém — deve ser toda Beleza. Em verdade, nem só a formosura do rosto é predicado feminino... A maior parte das mulheres, porém, cuidam muito especialmente da cútis de suas faces, e desleixam o resto. E contudo, a mulher deve ser, toda ela, Harmonia. A elegancia do corpo juntar a graça do gesto; à belesura do rosto o ritmo dos movimentos. Que a mulher seja toda Graça, toda Beleza, — mas uma graça, mas uma beleza natural, nunca affectadas, nunca presumidas — (a affectação, os ares, os gestos presumidos são os maiores inimigos da beleza feminina). Nós devemos procurar, minhas amigas, ter uma graça natural no gesto, no rosto, um ritmo de movimentos fácil, não procurado.

Nós, mulheres, temos que sempre guardar a delicadeza do nosso sexo até nas mais pequeninas coisas, até no mais insignificante movimento. Algumas de nós acostumam-se — e fazem muito mal — a uma certa «brusquerie» de gesto, digna sim de homens mas nunca de mulheres. Habitua-se a atitudes arrapazadas, a modos de ser masculinos. É feio — e é triste. A mulher deve sempre ser bem mulher. Que o seu gesto seja belo, escultural, harmonioso... Há mulheres que encantam a vista, só de vê-las no gesto mais banal, como — por exemplo — o de erguer um braço para deitar numa chieira o chá que oferecem a uma visita. E essa graça, e essa harmonia, não devem existir somente para os de fóra: devem ser, também, para a intimidade do lar, onde a beleza feminina se vai reflectir em cada coisa. Lindo, harmonioso, deve ser o gesto, a atitude da mulher ao prender, no cabelo, o pente que deslisa... Graça deve ela ter no sentar-se, ao erguer-se, no donaire do andar, no ritmo de cada movimento. Disse Petrarca, em um soneto dedicado à sua formosa Laura:

«Deixa um perfume por onde passa:  
É toda a graça do seu andar...»

Sejamos, antes de tudo, muito femininas. Repito-o, e propositadamente. Isto não quer dizer que devamos ser piégas ou demasiado sensíveis. Não: a mulher deverá ser, quando as circunstâncias o requerirem, forte, corajosa. Na hora do infortunio, em um momento de perigo, tenha ela presença de espírito, ânimo, força moral. Procure aliviar o abatimento daquêles que, ao seu redor, desfaleceram. Mas, para tal, a mulher não precisa tornar-se masculina de modos e dizeres. Não: a americana, a inglesa, são fortes quando é necessário, e contudo nem por isso deixam de ser formosa e perfeitamente femininas.

Fujamos, amigas minhas, de quanto seja prejudicial à graça inata do nosso sexo.

E se acaso tivemos a infelicidade de nascer com tendências a modos de ser bruscos, desastrados, pouco femininos, — corrija-mos, a pouco e pouco, por meio duma educação de todos os momentos, de todas as horas, de todos os dias. Analisemos os nossos gestos, examinemos as nossas atitudes — emendando-os quando os notarmos falhos de graça ou beleza.

Porque, recordai-o: Como dizia Petrarca da sua Laura formosa:

«Em cada gesto exala o perfume  
Que a rosa bela deixa na brisa...»

MARIA TEREZA.



# CRUSANDO O VOO

Nove horas da manhã em Sintra. Uma nevoa humida, peneirada do alto, empoeirava os troncos dos ulmos e depois, condensada, tombava em gotas sobre os telhados moiriscos da vila.

Uma luz triste, cinsenta e macia esfuava as coisas dando-lhes uma aparência irreel de visões da memoria. Parecia que nada existia em volta; casas, arvores, pene-dias, davam a impressão de coisas lembradas e vistas lá muito, numa hora boa que o tempo levasse para longe escondida num vés de melancolias.

Estavamos ali sem sabermos porque. Eu levava-a. Na vespera tinhamos falado das arvores, das flôres, do mar sem dono, rolando pela costa brava uma fúria de séculos. Também faláramos de amôres perdidos, de beijos que os lábios não selaram, de sonhos que deixam nas almas a saudade dos bens que não existem.

Ela tinha-me feito reparar no seu dedo mínimo que ficára ligeiramente defeituoso. Aquele dedo quebrado queria ela mais do que aos outros, ágeis e finos, queria-lhe como se êle fôra o último sobrevivente do cataclismo horroroso da sua alma.

Alguem, por êsse dedo, pelo defeito dêle, lhe tinha beijado as mãos e segredado a palavra misteriosa que o Destino põe quasi sempre em lábios de mentira. Depois, êsse alguém tinha sido como todos... Partira e, a lembrar as horas de extase, ficára apenas o dedido aniquiloso, aleijadinho entre maravilhas.

Essa comunhão misteriosa com a sua alma sentira-a eu por uma afinidade de angústia.

Também me tinham mentido, também dessa mentira tinha ficado aleijada e vesga a minha fé de criança.

Levando-a tinha eu sonhado a possibilidade de sermos alguém um para o outro de nos encontrarmos no fundo de uma angústia gemea como dois desgraçados na sombra de um cláustro tranqúilo.

Seria bom que assim fôsse. Poderíamos pensar em voz alta e trocar impressões.

Fugiria de nós aquela solidão de todas as horas e depois... depois, quem sabe a que milagres de ternura consciente nos levaria áquele amparo mútuo de duas almas que nada pedem, nada desejam, em nada acreditam.

Contou-me a sua vida.

Vi então, passar como as nevoas esfarpadas que o vento empurrava para o mar, a procissão dos seus dias arrastando-se num torvelinho confuso. Horas, factos, saudades, a todos vestia a mesma bruma cinsenta da sua alma indifferente e viuva.

— Se eu pudesse desejar alguma coisa!... Ser boa para alguém, ao menos!

— Segredei-lhe que sim, que tinha sido boa para a minha alma vindo viver consigo áquelas horas a par.

— A sua alma está menos morta que a minha... Respondeu-me.

Sim, se o não estivesse eu não teria pensado realizar com ela um sonho de ternura num bemquerer de irmãos.

Ela, nem para êsse amor tranqúilo sentia apto o seu espirito.

Era o deserto, a duna, a imensidade calva que se lhe estendia ante os olhos da alma como um aniquilamento forçado e uma solidão sem remédio.

Tinhamos caminhado inconsciente para o lado da costa.

Mais uns passos e a riba subia em nossa frente a cavaleiro do mar.

Seguimos o carreiro; por descuido conservamos as mãos enlaçadas. Fomos indo, indo até à ponta mais aguda da riba onde mal chegava a espuma das ondas que em baixo se desfaziam no dorso das pedras como argumentos inúteis.

Os nossos olhares mal se crusavam um instante para logo se perderem no misterio cinsento da neblina.

Ambos interrogavamos a nevoa, aquela nevoa fininha que imanava céu e mar e

dava ao horisonte restricto uma aparência de velário de templo.

Para além, dela, como para além de nós, devia ser a luz, devia morar o sol em pleno uso de liberdade e de esplendor.

Não era porém dado aos nossos olhos verem-no, podiamos quando muito supô-lo, saber que «para além», muito para além de nós havia luz e calor, vida e chama, combate e vitória...

Súbito, a cinsa do nevoeiro definiu a sombra de uma ave, de grandes asas; gai-vota ou albatrós. No rasto do vulto fugitivo outro vulto veio crescendo. Voava desesperadamente num esforço de alcançar a outra áve. Esta éra um corvo marinho, nomada de todos mares, que ia de viagem no rumo dos polos. Como eu, como nós, como todos os seres sonhara na outra ave uma companhia na peregrinação dos espaços.

A nevoa, o sonho do ar, iludira-o, viu alguém que voava e voou mais forte. Voou, voou.

Mais um golpe de asa, crusaram-se e falou então o Destino.

Eram espécies diferentes.

## UM CRIADO ORIGINAL



Não é um negrito da Nubia, um «groom» clássico, preto e ladino... Não, quem vai buscar as bólas extraviadas à linda jogadora, é um cão que junta às suas qualidades de «retriver», as de equilibrista.

Como um «jongleur» de qualquer circo, sereno, impavido, quieto como se fôsse de bronze, espera uma ordem da sua dona para voltar à posição habitual de animal terrestre.

## IDILIO ANTIGO

SÔBRE UM MOTIVO DE BEETHOVEN

Oh mãos longas e brancas, mãos de Santa,  
Alianças de Deus sôbre a tormenta  
Vinde dar-me a Extrema-Unção.

Mãos longas e brancas,  
Mãos de Santa,  
Ungi a minha garganta,  
Ungi o meu coração...

Fito os teus olhos sem que tu me vejas  
E dos teus olhos desce na minha alma,  
Serena, calma,  
Macia de arminhos,  
A luz antiga dos vitrais velhinhos  
Santificando sol pelas igrejas...

Sonho para quem vivo há tanto,  
Vem; adormece no meu peito, reclina  
A cabeça gentil e pequenina,  
Num ar gracilimo de ave  
Que voou e quer dormir.  
É tão suave

Beijar de leve os teus olhos  
Quando os tornas a abrir!...

Alma em ânsia,  
Espírito Gentil de quem o meu  
É sombra indefinida a oscilar,  
Vem,  
Vive em mim na essência e na distância  
Como dentro da concha que morreu  
Vive o grito nostálgico do mar...

Oh mãos longas e brancas, mãos de Santa  
Alianças de Deus sôbre a tormenta,  
Vinde dar-me a Extrema-Unção.  
Mãos longas e brancas,  
Mãos de Santa,  
Ungi a minha garganta,  
Ungi o meu coração...

CASTELLO DE MORAIS.

✻

✻

✻

✻

✻

✻

✻

✻

✻

✻

## PARA DESENVOLVER OS SEIOS

pequenos use FILOCOL n.º 1. Para o endurecimento dos SEIOS moles e caídos, use o FILOCOL n.º 2. Para diminuir os SEIOS GRANDES use FILOCOL n.º 3. Preço do n.º 1 ou do n.º 2, 25.000 esc.; pelo correio, oculo 26.000. Preço do n.º 3, 40.000 esc.; pelo correio, 42.000. Experimente se quer possuir um PEITO BELO E ATRAENTE.

AS PESSOAS NUTRIDAS

devem tomar [HOSTIAS] D'ORCEL para emagrecer lenta e progressivamente sem prejudicar a saúde. Combatem a obesidade. Aconselhadas pelos medicos. Caixa 25.000 esc., pelo correio 26.000. Estes produtos são completamente inofensivos e tem sido usados por muitas Senhoras, algumas das quais, esposas e filhas de medicos.

CRÈME IMPÉRIA D'ORCEL

PARA FIXAR O PÓ D'ARROZ

Não intoxicar a pele, nem a fazer

luzidia e untuosa

SUPERIOR AOS MELHORES

Preço 10.000 esc.; pelo correio 11.000

O MAIOR

INIMIGO DAS RUGAS

é o Crème n.º 32 d'ORCEL. Amacia e aformoseia a pele, dando-lhe frescura e aveludado persistentes. E' insubstituível para evitar a FORMAÇÃO DAS RUGAS. Não faz crescer os pêlos como succede com a maioria dos Crèmes. — Preço 9.000 esc., pelo correio, 10.000.

LABORATÓRIO ORCEL — Rua Barata Salgueiro, 31, 3.º — Lisboa

Tambem se vendem na Farmacia Luso-Britanica, FUNCHAL e Farmacia Pinheiro, HORTA - FAIAL.

## ATELIER "ELITE"

VESTIDOS E CONFECÇÕES

Executa quaisquer modelos com perfeição

e elegancia — Preços modicos

RUA JOSÉ FALCÃO, 29, rez-do-chão — LISBOA

## CABELEIREIRO

DE SENHORAS

CORTES de cabelo pelos ultimos figurinos a

senhoras e crianças.

ONDULAÇÃO MARCEL, Decolorações, PIN-

TURAS em todos os generos, por pessoal habi-

litado sob a direcção de ALEXANDRE PERES-

TRELO, no

Salão Elegante das Avenidas — Telefone

49-A, Avenida da Republica, 49-C 5689

✻

✻

✻

✻

✻

✻

✻

✻

✻

✻

✻

✻

✻

✻

✻

✻

✻

✻

✻

✻

✻

✻

✻

✻

✻

✻

✻

✻

✻

✻

✻

✻

✻

✻

✻

✻

✻

PANOS "STELLA"

RUA DO ALECRIM, 7  
Esquina da Praça Duque da Terceira  
TELEFONE 1277

NO DEPOSITO DAS FABRICAS encontram-se linhos, algodões, etc., a preços vantajosos por efectuarem as VENDAS DIRECTAS AO PUBLICO

Ayuntamiento de Madrid



## COMO VESTE LILI DAMITA



Regalo em raposa branca  
(Foto Manuel Jires)



Regalo em skungs



Regalo em raposa branca



Chapeu Cora  
Marson



Regalo lontra negra



LILI DAMITA, estrela portuguesa do cinema, é hoje consi-

derada no mundo elegante como princesa da Moda. As suas *toilettes* são copiadas. Para ela, os costureiros de fama mundial, inven-

Chapeu em feltro e veludo bege

(modelo Cora Marson)

tam modelos. É disputada a honra de vesti-la, de lhe fazer um chapéu, de acrescentar mais um regalo à sua preciosa coleção.

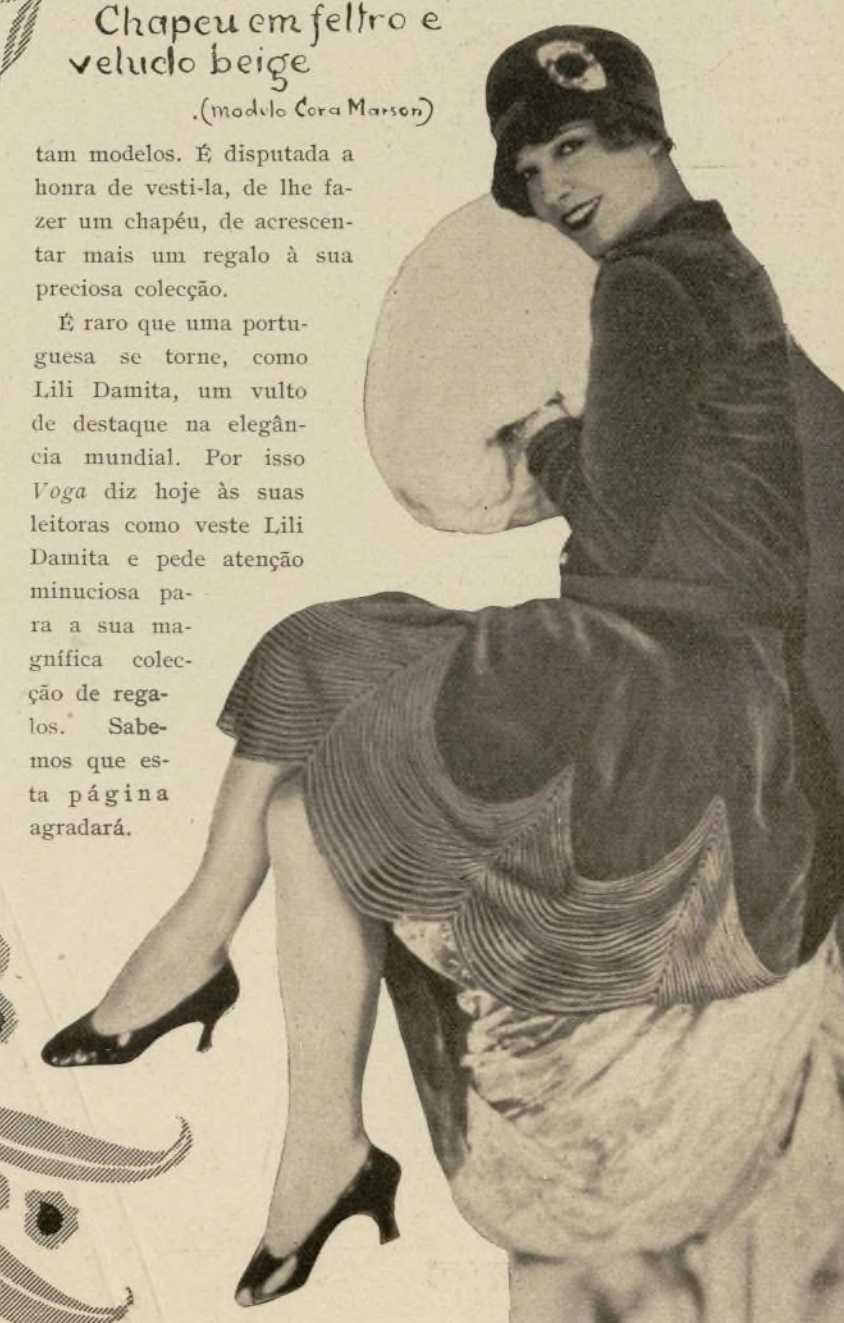
É raro que uma portuguesa se torne, como Lili Damita, um vulto de destaque na elegância mundial. Por isso *Voga* diz hoje às suas leitoras como veste Lili Damita e pede atenção minuciosa para a sua magnífica coleção de regalos. Sabemos que esta página agradará.



Regalo raposa branca



Chapeu veludo e feltro bege



Vestido de veludo verde Imperio:



Regalo em Mongoli



## BINÓCULO

Quem se não lembra dos pobres coristas do tempo em que os teatros anunciavam — «OS «BOYS» «20 coristas de ambos E AS «GIRLS» os sexos?... As companhias de opereta e revista requeriam vozes... Vozes! As mulheres, classificavam-nas em primeiras e em segundas. Dispensava-se o «palminho de cara». Pouco a pouco suprimiram os barbados... E já se não fazia questão de garganta e do ouvido das raparigas. Apenas a boa ópera-cômica antiga não dispensava os coristas homens. Mas quem faz hoje ópera-cômica, a não ser o sr. Alves da Silva?...

O reinado da boa opereta antiga acabou. Veio de Viena a chinfrineira da pseudo-opereta. Esta, como a revista, quer mulheres, lindos rostos e corpos esbeltos. Mas o público também se cansou de tanta dança sem cantoria, da repetição de marcas, com muitas plumas e muitas gazes. Em Inglaterra, na América, em França, na Alemanha, enxertavam, então, ao mesmo tempo, nas revistas, uns rapazinhos de pernas ágeis, caritas de rapariga. Como já havia as girls, ficaram estes sendo — e porque não podia deixar de ser — os boys. Que impressão tem a gente dos «meninos» do Casino?... A pior possível. Agora, o empresário José Climaco lembrou-se de contractar para a próxima revista «Rosas de Portugal», um grupo de «boys»... É moderno, é chic. Mas que impressão terá o público ao ver, no palco do Eden, os «meninos bonitos»?...

## OS MAIS LINDOS OLHOS DA SCENA PORTUGUESA

## QUEM OS POSSUE?

Iniciaremos no próximo número a publicação dos votos recebidos, limitando-nos, por agora, a dar a relação completa das fotografias que inserimos:

N.º 1 — Ester Leão, Alice Ogando, Maria Isabel, Maria Helena, Hortense Luz, Palmira Bastos, Ilda Stichini, Ausenda de Oliveira, Laura Costa, Emilia de Oliveira.

N.º 2 — Berta de Bivar, Carminda Pereira, Margarida Ferreira, Aldina de Sousa, Maria Matos, Maria Alvarez, Lucilia Simões, Maria Helena (repetido por engano), Brunilde Judice.

N.º 3 — Leonor de Eça, Rosalina Saial, Adelina Fernandes, Josefina Silva, Beatriz de Almeida, Zulmira Vargas, Elisa Santos, Celeste Leitão, Branca Richetti.

N.º 4 — Maria Clementina, Elisa de Gui-

sette, Adelina Campos, Deolinda de Macedo, Mari Laura, Filomena Lima.

Para maior facilidade de verificação, pedimos às nossas Ex.<sup>mas</sup> leitoras o favor de enviarem os seus votos, utilizando-se do nosso *coupon*, e de conformidade com o endereço que segue:

Concurso dos Olhos

“VOGA”

Rua Anchieta, 25 — Lisboa

## COUPON

Os mais lindos olhos da Scena Portuguesa são os da actriz:

(Assignatura) .....

## INCONFIDÊNCIAS

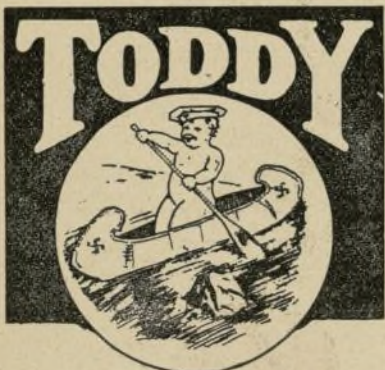
Representava-se no Politeama, com excelentes sucessivas, a comédia «É preciso viver!...» O jornalista X, o principal interessado na representação da peça, exercia por essa altura, um importante cargo num jornal diário. E, ou fôsse por acaso, ou por qualquer motivo, o certo é que os réclamos à peça ocupavam, dia a dia, quasi que a secção toda destinada aos teatros, em prejuizo das outras emprêsas, que também pagavam os seus anúncios e que mantinham os bilhetes do jornal.

Um dia, o jornalista recebeu uma carta de Erico Braga, que começava assim: «Meu caro amigo: Tenho lido os réclamos à peça «É preciso viver!...» Acho muito bem. É preciso viver... sim senhor, é preciso viver... mas é todos! Ora na minha companhia não se fala», etc. etc.

A leitora que se interessa por coisas de teatro poderá facilmente aplicar *el cuento* nos dias que vão correndo...

## UMA ANECDOTA POR SEMANA

Como quasi todos os poetas «boémios» da sua época, o estouvado Béranger cantou louvores ao deus Baco e ao seu precioso licôr. Estando um dia o poeta a jantar em casa do banqueiro Lafitte, a esposa d'este, notando que Béranger só bebia água, disse-lhe: «Senhor poeta, porque não bebe vinho quem tão bêlamente em seus inspirados versos o sabe cantar?» Resposta de Béranger: «Não sou eu que o bebo, minha senhora; encarrega-se disso a minha musa».



Torna o seu fôbo belo e robusto. Dá-lhe resistencia, energia e decisão.  
Um copo ou uma chavena é uma refeição completa.  
A' venda em toda a parte  
MALTOP INCORPORATED  
BUFFALO, N. Y.  
Representantes exclusivos:  
MANTUA, L. DA  
29, Calçada S. Francisco, 37 — LISBOA

## COURS SUPÉRIEUR

TELEPHONE: C. 2008  
Largo Rafael Bordalo Pinheiro, 26, 2.º  
EXTERNO E SEMI-INTERNO  
Frequentado por meninas da melhor sociedade  
Instrução franceza completa — Curso dos liceus, inglez, musica, etc.  
Pedir referencias e informações



## G R A F O L O G I A

PARA uma mais desenvolvida e minuciosa análise dos seus característicos grafológicos, devem as minhas Ex.<sup>mas</sup> Clientes reendereçarem estas mesmas consultas para o Magazine Bertrand mediante as condições e taxa indicadas na Secção Grafológica dessa revista mensal e a indicação do número da consulta e pseudónimo sob que foi dada a resposta na Voga.

A indicação do nome e morada da cliente só é necessária caso se deseje a devolução do documento enviado para análise, junto a um envelope estampilhado.

Cada consulta dirigida à Voga deverá ser acompanhada da importância de — um escudo — e endereçada a Madame de Memphis — Grafologia — Voga — Lisboa — Rua Anchieta — Lisboa.

Só serão enviados pelo correio os resultados das consultas dirigidas ao Magazine Bertrand nas condições indicadas na Secção Grafológica dessa revista mensal.

N.º 16 — Zilda — M. G. — Desânimo, tristeza, hesitação. Passagem brusca do entusiasmo à decepção.

Prodigalidade, nervosismo reprimido e dissimulação inconsciente.

N.º 17 — Envelope Cortado — M. G. — Afetividade natural e sincera. Vontade enérgica e ousada. Ambição e materialidade irreprimível. Espírito lógico, discreto e económico.

N.º 18 — Nica — Lisboa — Exactidão e constância rígida e intransigente. Demasiado franca. Energia e sensibilidade violenta. Bondade natural, imaginação reagindo contra um estado depressivo inexplicável.

N.º 19 — Miss Esfinge — Lisboa. — Nervosismo exaltado com tendências aos mais lamentáveis exageros.

Temperamento exigente, impulsivo e indisciplinado. Sensibilidade mórbida e suceptível das acções mais incompreensíveis.

N.º 20 — Saudosa — De Tórris, Cartão. — Vontade ponderada e aliada a um espírito simples e naturalmente bondoso. Economia e discreção. Sensibilidade apagada por um excesso de prudência inconsciente.

N.º 21 — Lisbonense — M. G. — Sensibilidade apurada, orgulho e combatividade inofensiva. Generosidade material e moral. Desejo de aperfeiçoamento e bondade ainda que por vezes brusca e mal expressa.

N.º 22. — Uma que adora a Serra da Estrêla — Sensibilidade simples e sincera. Diversidade de tendências desconhecendo-se a si própria. Espírito lógico e vivo assimilando facilmente.

N.º 23 — Radamés — Lisboa. — Dissimulação procurando impôr-se mais pelo efeito do que pelo seu próprio valor.

Superioridade relativa, vontade forte. Bondade hesitante e indefinida.

N.º 24 — Uma admiradora de Frederic Chopin — Temperamento forte, corajoso e audaz. Sinceridade, não obstante saber ser discreto. Bondade incontestável e abnegação.

N.º 25 — Sali — Elvas. — Susceptibilidade mórbida e exaltada. Precipitação, exagero e prodigalidade. Sequência de ideias, vontade indomável, temperamento exigente e um génio... perigoso.

N.º 26 — Caruso — Lisboa. — Discreção consciente e cautelosa. Economia de gestos e finanças. Consciência da sua personalidade. Espírito elevado e um pouco idealista.

N.º 27 — Garota — Carta. — Exaltação e ardor audaz. Vontade dirigida num único sentido. Mais afável que bondoso. Consciente da sua personalidade e incapaz de uma ingratidão.

N.º 29 — Brun Jor. — Porto. — Faculdades apreciáveis. Correcto nas suas atitudes e decisões. Tentando reprimir o seu temperamento indomável e indisciplinado. Frio, calmo e decidido.

Para uma mais desenvolvida análise, queira consultar o Magazine Bertrand.

N.º 30 — Gillana — Coimbra. — Vontade persistente e tenaz. Espírito imitador mas correcto sob todos os pontos de vista. Dissimulação inconsciente, muita ordem, método e minúcia. Respeito pelas convenções, reserva e... um pouco de vaidade.

N.º 31 — Saúde — Olhão. — Orgulho inofensivo, idealismo e temperamento romântico. Ordem e economia. Reconhecendo-se superior ao meio e por isso procurando evidenciar-se, aliás sem malícia. Egoísmo dissimulado.

N.º 32 — Esperança — Olhão. — Temperamento vigoroso e forte. Tendências à economia exagerada que actualmente se traduzem por um egoísmo mal pronunciado. Ordem de ideias, clareza de espírito e bondade.

N.º 33 — Moreninha — Dáfundo. — Espírito culto, vontade forte, reserva e... diplomacia. Ausência de sentimentalismo. Um pouco insolente quando se irrita.

N.º 34 — Rosa — Senso prático, ponderação e pessimismo. Instrução, idealismo aliado e sem relêvo. Bondade simples e natural.

N.º 35 — Cravo — Intellectualidade activa e irrequieta. Imaginação culta e exaltada. Vontade forte e experimentada. Altos ideais, ambição e espírito audaz e fervoroso.

N.º 36 — Natália — Imaginação, entusiasmo e sensibilidade. Doçura de carácter, depressão e fadiga. Precipitação e desânimo inexplicável. Timidez e vontade maleável.

## PINTURAS A PÓ DE LÃ E SEDA

PREPARADOS

VELOUTY E NACKITCHA

Pinturas artísticas sobre vidro, cristal, tapetes, almofadas, e todos os tecidos.

Aprendizagem rápida mercê da sua fácil aplicação (ver pag. 4 do n.º 2 da VOGA)

O verdadeiro encanto do lar feminino.

A venda nas boas papelarias e nas casas. Emilio Braga; «La Bécarre», ambas na Rua Nova do Almada; Petit Peintre, Rua S. Nicolau; Paleta de Ouro, Rua Aurea, etc.

DEPOSITÁRIOS POR GROSSO

FARINHA, MARTINS & VIANA

Largo Rafael Bordalo Pinheiro, 32

LISBOA

## GOLDEN PALACE

Proprietario: JOSÉ F. DE ARAÚJO

P. DOS RESTAURADORES, 11, s/l. — Tel. N. 3115

O mais chic e bem frequentado

CABELEIREIRO DE SENHORAS

Encontram-se trabalhando neste estabelecimento os habéis profissionais: Julio Rodrigues, Agostinho d'Almeida, Fernando Fernandez, D. Carolina Coelho, Madame Vasques, D. Deolinda Fragoço e o pedicure Nunes de Carvalho.

Corte 5700 Ondulação 7750  
Lavagem 5700 Declarações 7750  
Aplicações Henné desde 30700

## DEMÉTRIA CASTRO PEREIRA

ROBES ET MANTEAUX

Chegada há pouco de Paris onde foi adquirir as últimas novidades nas principais casas. Mostra a sua colecção de modelos de inverno.

Avenida da Liberdade — Entrada, Largo da Anunciada, 9, 2.º — Telefone N. 3167



# VESTIR BEM OS NOSSOS FILHOS

QUAL a mamã que não queira vestir bem o seu bebé? Qual a mãe que não sorria orgulhosa ao rever-se no seu filho, ao mirá-lo «coquettement» vestido, de tunicasinha simples, ou de fatinho de *crochet*?

Voga bem sabe que todas as mães aspiram a ver *chics* os seus filhinhos. Por isso Voga, desejosa de contentar a todas as suas leitoras, pensa naquelas que são mães e escolhe, de entre os mais graciosos modelos infantis parisienses, êstes que lhe pareceram devéras apropriados à formosa fragilidade da Criança.

E, como vem chegando, com suas frias brisas, o Inverno, aqui têm também as mães carinhosas, um fatinho quente de *crochet* para o seu filho, friorento como quasi todas as crianças.

Eis como se executa êste gracioso trabalho de *crochet*:

## VESTIDO E TOUCA PARA CRIANÇA

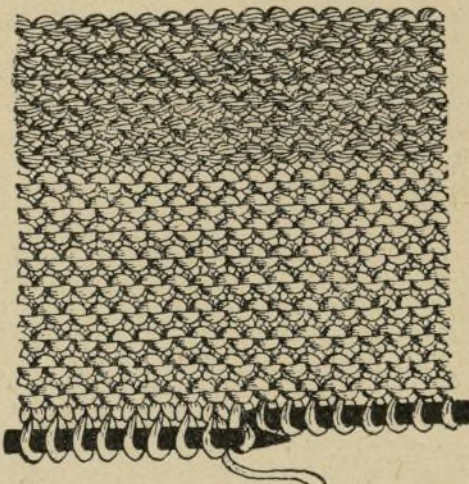
Este lindo vestidinho sem mangas é muito fácil se executar. A saia faz-se em lã branca, côr de rosa ou azul; o espelho e a parte inferior da saia, com lã e sêda do mesmo tom.

Para a touca há a mesma oposição de lã e sêda.

Execução do vestido, para criança de um ano: são precisas aproximadamente 100

22 centímetros do mesmo ponto, só com a lã.

Toma-se outra vez a sêda e continua-se a fazer o mesmo ponto, mas pegando sempre em duas malhas ao mesmo tempo, até ao fim da agulha, para reduzir a 60 o número de pontos; fazer então 10 centímetros em lã e sêda reünidas e fechar.



Para os lados executa-se o trabalho da mesma maneira que para as costas; mas, depois de ter feito 3 ordens de pontos no espelho, dividem-se as malhas ao meio e trabalha-se separadamente durante 9 centímetros. Fechar-se 14 malhas do lado do decote e continuam-se 7 ordens do mesmo ponto com as malhas que ficaram nas agulhas. Faz-se o segundo lado da mesma maneira. Sobe-se ao decote e faz-se em volta um ponto só em sêda de 4 centímetros. Depois disso volta-se o avesso para fóra para formar o direito e fecha-se. Cosem-se as laterais do vestido até ao espelho e põe-se um botão e uma casa para abotoar atrás.

## EXECUÇÃO DA TOUCA

São precisas 50 gramas da mesma lã e um carro de sêda.

Põe-se na agulha 70 pontos de lã e executam-se 12 centímetros de malhas iguais às do vestido; toma-se a sêda, misturando esta com a lã, fazem-se 5 centímetros do mesmo ponto; em seguida revira-se esta tira de lã e sêda para formar o rebuço; põe-se um laço de fita para atar.

## ENTRETER OS NOSSOS FILHOS

COMO passatempo inocente das crianças são de longa data conhecidas as bolhas de sabão que, irisando-se á luz, fazem o encanto dos nossos filhos, mas infelizmente rebentam depressa.

Um físico teve a paciência de estudar e inventar um processo que permite a essas bolhas durarem horas, até mesmo dias seguidos. Consiste no seguinte:

Num litro de água destilada dissolvem-se 25 gramas de sabão escuro e põe-se tudo em lume brando; ferve-se, tira-se do lume e deixa-se resfriar; juntam-se-lhe em seguida 300 gramas de glicerina e, passadas 24 horas, filtra-se o líquido e novamente se lhe adicionam 300 gramas de glicerina. Temos então com que a pequenada se entretenha durante anos, fazendo milhares de bolhas de sabão, cada uma das quais dura cêrca de 24 horas.

## VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

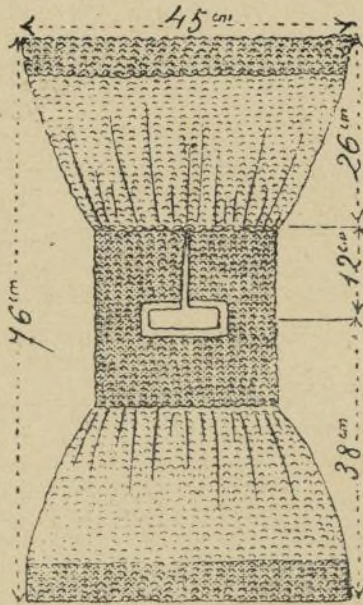
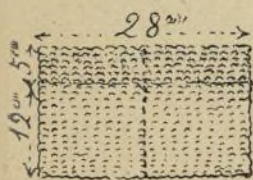
## “VOGA”

### PREÇOS DE ASSINATURA

	3 mezes	6 mezes	1 ano
Continente, Ilhas e Espanha	17\$00	32\$00	62\$00
Exemplares registados.....	22\$00	42\$40	82\$80
Africa Ocidental e Oriental	35\$00	68\$00	
Exemplares registados.....	45\$40	88\$80	
India, Macau e Timor.....	36\$00	70\$00	
Exemplares registados.....	46\$40	90\$80	
Brasil .....	36\$00	70\$00	
Exemplares registados.....	56\$80	111\$60	
Estrangeiro .....	40\$00	78\$00	
Exemplares registados.....	60\$80	119\$60	

NUMERO AVULSO Esc..... 1\$50

Dirigir pedidos ás Livrarias Ailland e Bertrand, R. Garrett, 73-75.



gramas de lã e dois carros de sêda de 25 gramas cada.

Começa-se pela parte inferior da frente. Fazem-se 130 pontos com a lã e a sêda reünidas, onze vezes, formando direito e avesso; suprime-se então a sêda e fazem-se







Miss Ruth Elder

## A AUDÁCIA E A BELEZA DE MISS RUTH ELDER

QUANDO a «Voga» estiver entre vossas mãos ansiosas, Miss Ruth Elder terá deixado Lisboa. Ficará a saudade da sua beleza, porque é bom que se saiba: Miss Ruth Elder é de há muito uma vencedora do mais alto e ambicionado prémio — a beleza. A linda aviadora da extraordinária travessia do Atlântico é detentora de vários prémios de beleza. Seria curioso perguntar-lhe qual dos concursos apreciou mais, ou talvez de qual deles seria capaz de prescindir: se da formosura, se da audácia.

Cremos sem dúvida que foi a beleza o que verdadeiramente triunfou. Fosse Miss Ruth Elder feia, com tôdas as modalidades de carácter das feias, e ela não teria a gentil ideia

de convidar o inspector da Aeronáutica a subir no seu aparelho e assim arrancar-lhe o ambicionado *brevet*. Depois ainda outra circunstância. Miss Ruth venceu as estrêlas. Não riam. É um jornal americano que conta o caso. Antes de Miss Ruth Elder partir foram consultados os astrólogos.

Os sábios consultaram as estrêlas, e os astros não mostraram boa cara. As estrêlas eram desfavoráveis ao vôo da arrojada e linda aviadora. «Uranio presagiava um acidente. A lua estava em oposição com Mercurio, obrigava a cessar o «raid»; Marte em conjunção com o sol revelava um perigo para a vida.»

Os calculos falharam. A beleza é invencível. Depois, Miss Ruth Elder é uma excelente aviadora. O seu avião caminha mais depressa que o destino.

## O MAIS PEQUENO CAMPEÃO DO MUNDO

CHAMA-SE Mario Conteni. É o mais pequeno campeão do mundo. Tem 4 anos de idade. Com a sua motociclete opera verdadeiros prodígios. Há pouco tempo realizou um «raid» de 70 quilómetros em motociclete sem parar. Um Music-Hal de Paris acaba de contractar o pequenino campeão. Mario Conteni vai aparecer com a sua motociclete para espanto dos adultos e emulação dos pequenos da sua idade...



## UMA FESTA PORTUGUESA DE NATAÇÃO

O jornal «Os Sports» organizou no passado domingo, no Estoril, uma linda festa de propaganda da natação.

Foi na realidade uma festa notável. O número de concorrentes, senhoras e crianças, é já animador. Registamos alguns resultados:

Meninas até 10 anos — 18 metros estilo livre — 1.ª eliminatória: 1.ª, Maria Pala Malheiro (S. A. D.), 26; 2.ª, Palmira Matos (C. N. N.).

2.ª eliminatória: 1.ª, Elisa Lobo (C. S. P.); 2.ª, Leonor Moutinho (S. A. D.).

Final: 1.ª, Elisa Lobo (C. S. P.), 23" 1/5; 2.ª, Maria Pala Malheiro (S. A. D.); 3.ª, Leonor Moutinho de Almeida (S. A. D.), 27" 2/5; 4.ª, Palmira Matos (C. N. N.), 27" 4/5.

Meninas de 10 a 15 anos — 36 metros, em estilo livre — 1.ª eliminatória: 1.ª, Maria Tereza Leça (S. A. D.), 46" 1/5; 2.ª, Zulmira Miranda (C. N. N.), 53".

2.ª eliminatória: 1.ª, Laura Palha (S. A. D.), 43" 3/5; 2.ª, Amenona Basto (C. S. P.), 45" 2/5.

4.ª eliminatória: 1.ª, Alice Guerra (S. A. D.), 57"; 2.ª, Emilia Ramos (S. A. D.), 1' 24" 3/5.

Final: 1.ª, Laura Paula (S. A. D.), 42" 3/5; 2.ª, Maria Tereza Leça (S. A. D.), 45" 2/5; 3.ª, Julieta Barradas (S. A. D.), 47" 4.ª, Alice Guerra (S. A. D.).

Meninos até 10 anos — 18 metros, em estilo livre — 1.ª eliminatória: 1.ª, Luís Branco (C. S. P.), 14" 1/5; 2.ª, Raul Pinheiro (S. L. B.); 3.ª, Rodrigo Bessone Basto Junior (S. A. D.), 21".

Senhoras «seniors» — 54 metros, em estilo livre — 1.ª, Ilda da Costa e Silva (C. N. N.), 1' 4"; 2.ª, Silvina Vieira Alves (S. A. D.), 1' 4" 1/5; 3.ª, Marie Wilhelm (S. A. D.); 4.ª, Elsa von Amman (S. A. D.).

Campeonato nacional de saltos — Senhoras: 1.ª, D. Carolina Augusta (L. G. C.), 10 pontos. Além das provas, houve demonstrações de saltos por D. Ilda da Costa e Silva, do Nacional.



Um futuro campeão de «golf»

## UM CAMPO PARA «GOLF» NO ESTORIL

EM Portugal praticam-se poucas modalidades de sport. Atrazo de educação, de campos apropriados e ainda outros culos que pouco a pouco ir-se-hão vencendo. O «golf», por exemplo, não tinha até a um campo adequado.

Pois o «golf» vai entrar em franca auge no Estoril. O «golf» vai ser um sports praticados por portugueses.

Com a construção dum campo próprio para a construção que está sendo activamente no Estoril, e que muito deve contribuir para valorizar o desporto local, servindo ao mesmo tempo como elemento de atracção nacionais e estrangeiros.

# O HOMEM QUE ASSASSINOU

CLAUDE FARRÈRE

TRAD. DO DR. ALBERTINO DA SILVA

(Continuação)

CORONEL — começou de súbito — estava a vêr nos seus olhos que já gosta da Turquia. Sim, sim, não é feia de todo. Pois, se gosta dela, observe-a bem e aproveite, porque não a verá por muito tempo: é um país perdido.

Não sei porquê, lembrou-me logo a frase do marechal Mehmed Djaleddin: «Entre a Dívida e o Banco, está o Corno de Ouro estrangulado. Pense nisso, quando lhe disserem que a Turquia está moribunda.» Tive vontade de citar esta frase a Boucher. Mas já ele continuava, na sua voz trémula e arrastada:

— É como lhe digo: perdido. O senhor ainda não notou isso. É até possível que encontre dificuldade em o reconhecer, pois que não é assunto muito da competência de militares. Mas o senhor não é nenhum rústico. Se eu lhe explicar há-de forçosamente compreender. Oiga-me com atenção: estes turcos são criaturas atzazadas. Vivem como nós vivíamos antes de 89: teem um exército, um monarca, um papa, um Deus, e crêem firmemente em tudo isso. Para cúmulo, o Profeta proibiu-lhes dar dinheiro a juros. Por consequência, tôda a nossa vida comercial e industrial lhes é interdita. Cultivam a terra e exercem pequenos officios. Isto diz tudo. E são dignos homens, honestos, francos como o ouro e bons como o pão. Olhe, quando passear por Stambul há-de verificar: um

turco nunca bate numa mulher, numa criança, num escravo, num cão ou num gato. E creio bem que não há outro país onde tal suceda.

«Mas o senhor compreende: com tais qualidades, uma nação moderna não pode viver. Hoje em dia, os povos que não querem estoirar, teem de pôr-se a par da época. De há cem anos para cá os processos são outros. Não quero dizer que somos melhores que nossos avós, nem mais felizes; talvez seja o contrário. Nunca, como hoje, grassaram por aí a crápula e a fome. Mas o que é certo é que somos mais fortes e espertalhões. Antigamente, para valijar os patetas só havia o roubo puro e simples; e os patetas defendiam as algibeiras a tiro. Era o tempo das guerras e das conquistas, o reinado dos soldados. Progredimos. Hoje já se não rouba, fazem-se jogos de Bôlsa e fundam-se sociedades por acções. É a época dos bônus, das comissões e dos dividendos, o reinado dos homens de negócio. Contra os homens de negócio, coronel, os soldados nada valem. Aí tem porque a Turquia é um país perdido.

Eu ouço, e olho para ele. Não passa de um lugar comum o que ele diz. Mas sabe condimentá-lo com a sua convicção testada e a sua pesada malícia. Não há dúvida que saboreia uma grande alegria ao descarregar sobre mim, soldado, aquela bordoadá que atinge tôda a minha casta. Pobre velho! Se ele sou-

besse que nenhum caso faço da sua importância!

E continúa:

— Perdidos os turcos! Condenados à morte! Moribundos já. Tanto assim que em volta deles, já pululam as aves de rapina. Sabe o que sucede: desde que o ferido sangra chovem corvos do céu. Para o ferido turco, os corvos da primeira hora foram os gregos. Em seguida

vieram os sírios, e depois os arménios, os persas, os judeus. Atacaram-no todos à porfia, a bico e a unhas. E a carne turca foi rasgada, arrancada pedaço a pedaço.

«Pedacinho a pedacinho: os corvos tinham appetite, mas faltava-lhes envergadura. Exerciam regularmente a usura, a hipoteca, a penhora. Mas nada mais. Os grandes meios causavam-lhes pavor. Porém, a presa ia-se tornando clamorosa. Ouvia-se ao longe. Um belo dia a Europa começou a inquietar-se. A Europa de hoje, coronel, é uma ave muito viraz: mais voraz, caramba, que um corvo; e maior também. Assim como um abutre ou um condor dos Andes. E esse condor que há cem anos pairava sobre o turco, um belo dia caiu de vez sobre ele. Então foi rápido. Vieram os empréstimos, as garantias, as conversões, os rendimentos cedidos, a Dívida, o Banco, a Régie — e acabou-se!... adeus Turquia! Dela só resta a carcassa. Oh! tranquilize-se: tudo se fez segundo as regras, correctamente, honestamente. Começou-se até por tapar o bico aos corvos, como lho digo!... Olhe, em 75, um grupo de banqueiros de Galata emprestara ao Sultão não sei quantos milhões de libras, a não sei que juro, um pouco forte; pois em 81, a Europa disse-lhes: — basta. O empréstimo foi consolidado, mas convertido e reduzido. É que nós, em negócios, somos sérios! Pagamos com exactidão, e não aceitamos mais que cinco

por cento. Contudo, não é verdade? há favorecer a indústria e o comércio... por exigimos caminhos de ferro, vendemos raçados e civilizamos a Macedónia. pagar a conta de tudo isto, precisa o Sultão de emitir novos empréstimos. Novos empréstimos, novos penhores. E lá volta a água ribeira. A Turquia actual já quasi não turca. Admira-se? É como lhe conto: o reio, o sal, a sêda, o peixe, o álcool são Dívida. Da Dívida são ainda o tributo garo e as contribuições de Chipre e da mélia. A Régie pertence todo o tabaco. A cidades especiais, os cais de Constantinopla e de Smirna. As companhias anónimas todos os caminhos de ferro, enriquecidos garantias quilométricas, que são de se tirar o chapéu. Que mais? Ah! a independência anual à Rússia, alegre recordação 1879. Claro está que os corvos gregos, arménios, persas, sírios, judeus e búlgaros, e sempre amesendados, comem os restos, se pode evitar.

(Continuação)

Para sermos felizes basta-nos



Amor, uma cabana e  
MAGAZINE  
BERTRAND

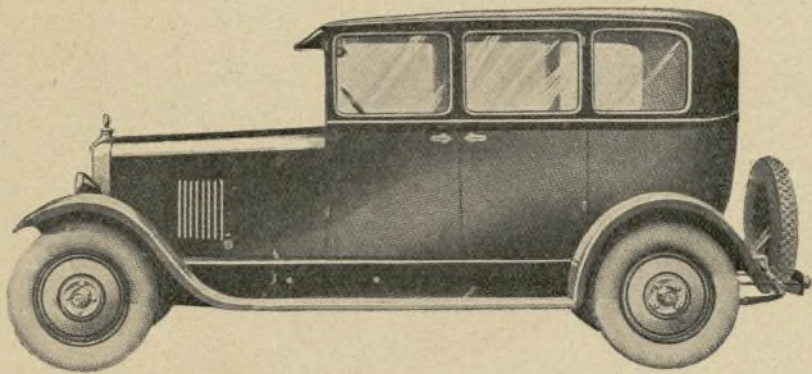


# O ENORME SUCESSO DO SALÃO DE PARIS, FOI SEM CONTESTAÇÃO

## O AUTOMOVEL

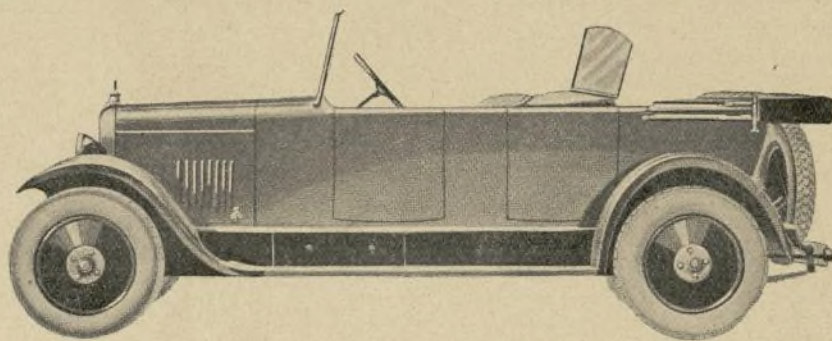
# CITROËN

que com as suas 22 carroseries, duma elegância ainda não igualada, fazem dêste carro o preferido por todos os compradores, desejando possuir um carro fabricado na Europa, portanto económico e duma resistência bem comprovada por alguns milhares em circulação em Portugal.



Conduite Interior, modelo 1928, nova forma de carroseries, duma requintada elegancia — Esc. 26.500\$00

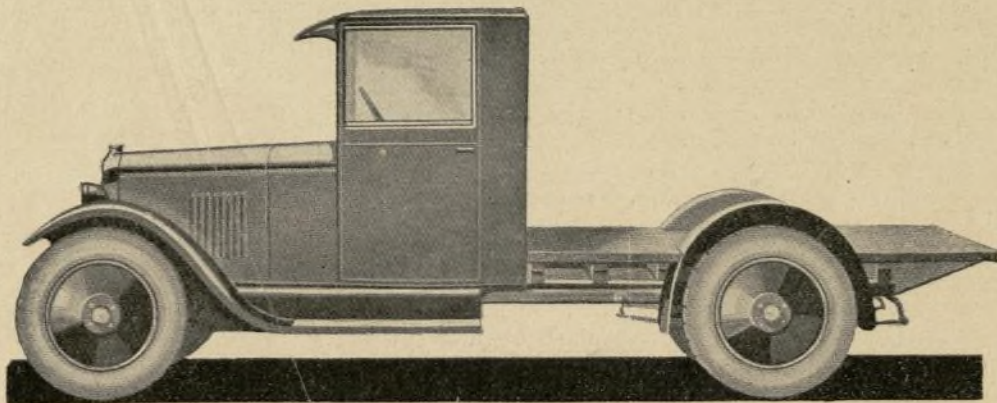
Pede-se a todos os futuros compradores de automóveis de turismo, de praça ou de Camionetes, que antes de fixarem a sua escolha se nos dirijam, afim de lhes proporcionarmos todas as experiencias que julguem uteis, não só em Lisboa, mas em qualquer ponto do País, mostrando-lhes ao mesmo tempo qual o modelo que deverão adquirir em harmonia com os serviços a que se destinam.



Torpedo Luxo, modelo 1928  
cujos acessórios valem mais de Esc. 3.000\$00 — Esc. 22.500\$00

O Automóvel «CITROËN» é hoje um carro de luxo, custando o preço do automóvel barato.

A beleza das suas carroseries inteiramente metálicas, colocadas sobre o célebre chassis B-14, onde todos os aperfeiçoamentos, os mais modernos, lhe foram aplicados, distinguem o «CITROËN», de tudo quanto no mercado mundial tem aparecido.



Camionete 1.000 quilos, já carrossada — Esc. 20.000\$00

TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA A

“AUTOMOVEIS CITROËN” — 46, AVENIDA DA LIBERDADE — LISBOA  
SOCIÉDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA  
Telegramas: «Citroen - Lisboa» — Telefones: N-2296, N-4055





## LILI DAMITA "STAR" PORTUGUES

mente as homenagens amorosas de duzentas mil almas, emitidas em cartas, escritas em bilhetes, de viva-voz, de manhã, à tarde, à noite, de madrugada, em casa, na rua, no cine e no *estudio*. Não admira, portanto, que o diabrete favorito do público na hora presente, tão amimado, tão acarinhado... nem saiba de que terra é!...

\* \*

E. A. Dupont, o realizador do «Varietés», está a encenar um novo super-filme com o sugestivo título de «Moulin Rouge». Lógicamente, o grande artista de Além-Reno, veio filmar a Paris as scenas do Moulin, mas fê-lo, não se sabe porque razão... no Casino de Paris.

\* \*

Os cineastas franceses activam a sua produção. Em matéria de filmes monumentais anunciam-se «Lafayette» e «Alberte» (segundo Pierre Benoit) pelo ilustre Henri Diamant Berger, uma nova versão de «Tosca», de Sardou, encenada por Leonce Perret, e a transposição no «écran» da «Feiticeira» do mesmo príncipe dos dramaturgos, sem que se indique o técnico que será encarregado de animar tão belo argumento.

\* \*

«O Túmulo sob o Arco do Triunfo», a discutidíssima e formidável peça de Paul Raynal, que Lisboa viu na interpretação do seu criador, o actor Alexandre, da Comédie Française, vai também



constituir o cenário dum filme arrojado. O realizador será Robert Wiene, criou «O Gabinete do Dr. Galigari» e o pel do «Soldado» será confiado a P. Blanchar.

\* \*

E. C. Patou vai realizar filmes de cinema puro (ritmos da luz e da imagem) inspirados em páginas de Claude Debussy.

«STAR» portuguesa?... Estrela portuguesa?... Quem o disse?... Quem o pode asseverar?... Ninguém pode, sob juramento, afirmar tal coisa e contudo, quantos serão os que possuem a certeza de que o ídolo da hora actual no cinema de todo o mundo, essa endiabrada Lili Damita, é, nem mais nem menos do que a pequenita Liliane Carré, aluna do nosso Conservatório, educanda que foi do Colégio Francês e se, na verdade, filha de franceses, é portuguesa pelo nascimento, pela índole, e artista feita em Portugal. Sim... porque a «vedeta» cinematográfica Lili Damita é, sobretudo, e acima de tudo, uma grande dançarina moderna, de expressão extraordinária, de agilidade incomparável e de incomparável sentimento do ritmo moderno. Nos seus filmes, em todos os seus filmes, do primeiro ao último, surge a sua plasticidade incomparável, a sua incomparável virtuosidade de bailarina moderna. As suas pernas (velemos pudibundamente o rosto), ganharam concursos, enchem páginas de revistas alemãs, ágeis, delgadas, nervosas, endiabradas, garotas... espirituais, como dizem os franceses num achado notável. Lili Damita, ídolo da moda, bonequita fragilíssima e mimada, é a triunfadora da «season» em Inglaterra, o mais pudibundo dos países, e em França, o mais artista dos povos, e na Alemanha, sede de todo o requinte na procura cinematográfica. Desaparecida de Lisboa, muito cedo, Lilian Carré surgiu na tuba poderosa da publicidade como «estrela» máxima numa organização anglo-austriaca a «Stoll-Sacha» e aí, sob a direcção dum grande cineasta húngaro, Mikail Kerketz, foi sucessivamente a heroína de «Bonequinha de Paris», «Borboleta doirada» (o seu último grande êxito em Lisboa), e «Fiacre número 13», porventura o seu filme menos «reussi». Depois, assombrada a Europa ante a graciosidade sem par daquela bailarinasita que, debutando no écran, se erguia, alguns momentos, à verdadeira altura duma grande «estrela», começaram a

chover os contractos. Aubert, o inteligente Luís Aubert, que detem o sceptro dos êxitos no mercado francês, acabou por cobrir todos os lanços num leilão fabuloso que incidia sobre o contracto da nôvel «star». Lili Damita produzirá para os filmes Aubert, e o seu primeiro filme francês será «La danseuse de Grenade» que, por certo, não deixaremos de ver em Portugal como, com certeza, poderemos, mais tarde ou mais cedo, admirar a sua maior criação «Bonequinha de Paris», filme extraordinário em que Lili tem scenas duma verdade que toca as raízes do sublime. Para este seu ultimo filme, «La Danseuse de Grenade», a deliciosa boneca veio a Espanha, aqui muito perto de nós, e negou a sua nacionalidade portuguesa a um jornalista espanhol que a pôs a perguntas. Não sei bem se, na ânsia um pouco cabotina de réclamo, chegou a declarar-se sevillana, granadina ou manchega, mas isso não seria senão uma falsa nacionalidade mais a juntar a tantas outras. Alternadamente, segundo o país em que trabalha, Lili Damita é a «grande vedeta austriaca», a «deliciosa «Star» inglesa» ou «a genial estrela francesa». Mas, afinal... (preguntarão as senhoras que nos lêem), Lili Damita que nacionalidade tem?

A graciososa bailarina recebe diária-

